

**LETRAS E VOZES CONTRACOLONIAIS E ANTIRRACISTAS EM RELAÇÕES:
IMAGENS, CULTURAS, LINGUAGENS
APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ 2023/1**

ORGANIZADORAS: Ana Lúcia Liberato Tettamanzy (UFRGS), Cristina Mielczarski dos Santos, Mônica de Souza Chissini (UFRGS/IFRS) e Vera Lúcia Cardoso Medeiros (UNIPAMPA).

Este número da Revista Boitatá vem a público num ano marcado por crises globais de diversas ordens. Nas margens da Europa, segue a guerra entre Rússia e Ucrânia, que assombra o presente com nostalgias imperiais. As cisões Norte e Sul repercutem o projeto da modernidade capitalista, intensificado nos tempos recentes com as crises energéticas e ambientais que colocam em risco a sobrevivência do planeta e têm provocado sua devastação em escalas nunca antes vistas. A julgar pelos resultados de eventos mundiais como a recente COP28, Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas, realizada - sintomaticamente - em Dubai, nos Emirados Árabes Unidos, não parece estar garantida a eliminação gradual do uso de combustíveis fósseis, uso que constitui uma das principais causas do aquecimento climático. Do ponto de vista político, na pós-pandemia se tem assistido ao ressurgimento de pautas de extrema direita e fascistas, que substituem a crença iluminista e universalista da superioridade civilizacional europeia e seu racismo biológico pelo racismo cultural, que estigmatiza e segrega, quando não elimina ou expulsa os não europeus.

O contexto brasileiro e mesmo latino-americano participa desses embates do tempo presente com o característico traço de pêndulo entre os regimes mais liberais e os mais sensíveis à desigualdade, digamos assim, e com a continuidade necessária do esforço de tornar visível o racismo e de tratar traumas coloniais. Aqui então está centrada a proposta deste Dossiê, que trouxe para o debate produções que, a partir de letras e vozes de lugares empíricos ou simbólicos (territórios ou textos), contestam a manutenção do racismo-etnocentrismo-colonialismo nos campos das artes, das poéticas da voz, do pensamento crítico, da educação e da (cosmo)política. Citado entre as referências indicadas no texto de chamada, o intelectual quilombola Antonio Bispo dos Santos é homenageado neste número. Seus conceitos provocativos instabilizam, como ele dizia, as palavras fortes dos

colonialistas, nomeando os diversos em face dos humanistas e, a roça, os orgânicos politeístas e a oralidade em face da cidade, dos sintéticos monoteístas e da escrita. Especialista em traduzir mundos, da vivência na natureza passou à organização social do movimento quilombola e à participação como intelectual em universidades e instituições do saber formal, sendo ele em pessoa uma explicitação viva das confluências, talvez sua ideia mais (re)conhecida. Foi com esse intuito de confluir que recebemos as contribuições que, pela diversidade e quantidade, optamos por distribuir em dois números. Este, o primeiro de 2023, foi intitulado **Letras e vozes contracoloniais e antirracistas em relações: imagens, culturas e linguagens**. Conta na abertura com um texto de professora convidada, seguido de Dossiê com seis textos nessa temática e de um texto na Seção Livre.

O texto que abre este número, “Crítica polifónica. Reflexiones en torno al extractivismo y al diálogo de saberes en la crítica literaria brasileña contemporánea”, traz a contribuição de Lúcia Tennina, professora de Literatura Brasileira na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires e convidada deste Dossiê. Nele a autora dá seguimento a seus estudos críticos em relação a produções literárias contemporâneas, sobretudo as de grupos historicamente marginalizados do Brasil. Seu artigo confronta a perspectiva extrativista da academia, problematizando processos de apropriação ou de descontextualização de epistemologias e criações artísticas de tais sujeitos e grupos sociais nas pesquisas. Assim, Tennina compartilha experiências literárias e acadêmicas de forma a destacar a necessidade e a potencialidade da adoção de práticas de investigação que priorizem saberes em diálogo que rompam com o “falar por” e estabeleçam o “falar com e entre” sem hierarquizações e com ampla possibilidade de trocas mais justas entre a sociedade e a universidade.

Na seção do Dossiê, seis textos desenvolvem perspectivas acerca das vozes, culturas e potencialidades indígenas e quilombolas na atualidade. Em “Cruzamento de mundos como potência anticolonial”, Onório Isaias de Moura aborda a produção de literatura indígena do povo Kaingang enquanto potência anticolonial. O artigo propõe o debate acerca da escassez na circulação e mesmo no reconhecimento das epistemologias indígenas nos diferentes espaços socioculturais e acadêmicos, o que é adensado pelas suas considerações de

pesquisa autorreferenciada como sujeito kaingang. Dialogando a partir de Davi Kopenawa e do livro *Narrativas Kaingang* (2023), o texto destaca contribuições dos povos indígenas na atualidade e oferece possibilidades interculturais que confrontam as visões dos Fóg (não indígenas) e os sistemas hegemônicos ocidentais. Assim, define as poéticas indígenas enquanto potencializadoras de cruzamento de mundos e de contranarrativas que partilham, em resistência, outras formas de ver, viver e conhecer o mundo.

No artigo “No rastro do Ñhandu, sob as patas do centauro: vestígios dos povos indígenas da Pampa gaúcha”, Nidiane Saldanha Perdomo conduz uma discussão multidisciplinar que abarca história, arqueologia, etnoastronomia e literatura para problematizar o etnocídio e apagamento dos povos Charrua e Minuano da pampa, trazendo à luz os rastros e contribuições dos povos indígenas na região. A autora aponta para estudos e vestígios históricos que denunciam as violências colonialistas contra os povos originários pampeanos, que sofreram a aniquilação e apropriação de seus saberes e práticas enquanto se constituía, em paralelo e contraste evidentes, a idealização do gaúcho. O artigo é propositivo ao articular temas como a visão do cosmos pelos originários e a arqueologia literária e ao destacar a importância da pesquisa multidisciplinar e da literatura oral como estratégicas para o fortalecimento das identidades indígenas na atualidade.

Em “Cantos e fronteiras: ontologias relacionais a partir do curta *Mãtãñg, A Encantada*”, Diego Bonatti analisa obra audiovisual produzida a partir de cantos e história oral de expressão cultural e ontológica do povo Maxakali. Com base nos conceitos de ontologia relacional e perspectivismo, Bonatti destaca a dimensão cosmogônica tanto do canto Maxakali enquanto palavra-som como das narrativas míticas que transcendem fronteiras. O artigo destaca ainda elementos de circularidade do tempo mítico, além da presença do pluriverso na narrativa audiovisual, ou seja, de mundos dentro de mundos que se conectam e transpõem fronteiras entre as realidades física e espiritual, apresentando expressões e trocas ontológicas e relacionais da cultura tradicional Maxakali.

A potencialidade do canto Maxakali é reiterada no ensaio “Canto, logo existo: reflexão sobre a canção Tikmû’ûn em um cinema portoalegrense”, de Eduardo Santos Schaan, no qual o autor discute a plurissignificação do canto enquanto expressão artística e constitutiva do espírito e da cosmologia do povo Tikmû’ûn.

Partindo de um relato de exibição do filme *Kakxop pit Hãmkoxuk Xop - Iniciação dos filhos espíritos da terra* (2015), no contexto da Mostra de Cinema de Porto Alegre/RS, em 2018, o mote de sua reflexão foi o deslocamento na dinâmica de interação do evento: ao invés de participar do subsequente debate após a exibição do filme, o convidado vinculado à produção compartilhou com o público cantos Maxakali. O ato imprevisto da palavra entoada torna-se o fio condutor do texto, por meio do qual Schaan explora as nuances do canto e suas potencialidades. Assim, enfatiza o caráter estético e pedagógico dos ritos e cantos que compõem as manifestações dos *Tikmû'ûn*, além de elucidar a perspectiva sonorocêntrica e multifacetada dos cantos que ensinam outros modos de existir e reconhecer o mundo à sociedade não indígena.

Mônica de Souza Chissini destaca o caráter estético-político de resistência, manutenção e revitalização cosmológica dos povos originários presente na literatura e na arte indígenas contemporâneas. Para isso parte da exposição dos sentidos da peça *Makunaimã* (2019), recuperação entre corrosiva e bem humorada do clássico modernista *Macunaíma* (1928) por um coletivo de indígenas e não indígenas. Acrescenta ao debate o conceito de reantropofagia cultural cunhado por Denilson Baniwa (2023). Enquanto ação de devoração de matrizes coloniais e de reapropriação de referências originárias, a reantropofagia tem oportunizado, como afirma a autora, a explicitação da força transformadora da entidade indígena Makunaima em diversas criações recentes de autoria indígena.

Por fim, fechando o Dossiê, o texto “Pro que que eu tô com os meus cabelo branco se não é pra sabê as coisa”, Vanda Aparecida Fávero Pino apresenta inquietações e provocações surgidas a partir da experiência de pesquisa e extensão vivida junto a uma comunidade quilombola ao sul do país. A autora tanto descreve os modos de resistência da sábia griô Dona Nena em mais de cem anos num espaço historicamente racista e excludente como reflete sobre o seu processo de transcrição das performances orais na escrita, em que procura manter a inteireza do saber ancestral e as modulações da memória.

Na Seção Livre, Mário Cezar Silva Leite, Ronaldo Henrique Santana e Bruno Luis Soares Custodio, com o artigo “O imaginário no processo de criação de figurinos e cenografias para o espetáculo teatral”, abordam como o figurino e a cenografia permitem que o público se envolva na narrativa, interprete símbolos

visuais e construa significados pessoais a partir dessas criações. Defendem o papel da imaginação, que emerge como uma ferramenta intrínseca à manifestação da criatividade na cenografia teatral, trazendo para tal o exemplo de aplicação do simbolismo e signos imagéticos na peça *Luiza não é um anjo*. Com os elementos da casa de Luiza embrulhados e amarrados com manchas de hematomas, intensifica-se o significado da violência sofrida pela personagem.

Voltamos ao texto da convidada Lucia Tennina, que nos interpela acerca de supostas boas intenções. Pensando atuar criticamente em nossas tentativas de diálogo com sujeitos de lugares e saberes não hegemônicos, perguntamos o quanto estamos efetivamente modificando as estruturas tanto institucionais como epistemológicas e, mais importante, se estamos de fato nos comunicando quando ocupamos espaços em comum com sujeitos e coletivos não acadêmicos. O fato de denunciarmos silêncios e traumatismos históricos ou de acolhermos com interesse a produção audiovisual, os cantos, as narrativas e as memórias de indígenas e quilombolas colaboram com tais grupos e sujeitos em suas diárias lutas? Nosso ativismo se resume a disputar significados? Sem fechar a questão, trazemos Tennina mais uma vez:

no basta con que la crítica literaria trabaje “sobre” cierta producción ampliando los límites de lo que se entiende sobre literatura. Es necesario que atraviese una especie de iniciación conceptual, sensible y metodológica que le permita desaprender sus certezas y abrirse a lo desconocido, con el diálogo como horizonte. Los últimos diez años (¿o ya veinte?) sirvieron para incorporar en nuestros estudios ciertas producciones literarias que durante mucho tiempo fueron marginalizadas y desconsideradas, pero ¿qué sentido tiene analizarlas bajo las mismas categorías que utilizamos para abordar literaturas que pertenecen a nuestro campo discursivo? ¿No es una forma de neutralizar su potencia y silenciarlas?